

**1ª SÍNTESE | COMO SE DÁ O CONSUMO DE  
MÍDIA PELOS PROFESSORES**

# **COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO**

**20  
23**

**CÁTEDRA**  
M.A. BACCEGA

**ESPM**

# INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No quinto ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio do Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Com base nos resultados dos anos anteriores e em mudanças sociais e de consumo observadas nas escolas, algumas temáticas abordadas em edições anteriores da pesquisa, foram ajustadas para a condução dos grupos focais, os quais se alicerçaram em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos
- 4 | Projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

# COMO SE DÁ O CONSUMO DE MÍDIA PELOS PROFESSORES

---

O consumo midiático na rotina dos professores reflete em como utilizam a mídia no processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar, conforme reportado por 18 professores da Rede Pública do Estado de São Paulo, participantes desta pesquisa. As redes sociais, como o Instagram, passam a ter protagonismo para o acesso às notícias pelos docentes, bem como os portais e aplicativos de empresas jornalísticas tradicionais como Globo, G1, Carta Capital e CNN. O site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP) também foi citado como um importante repositório de informações sobre a rede de educação do Estado.

Muitos professores estabelecem uma rotina para acessar a mídia, principalmente logo pela manhã e à noite. É possível perceber cautela com o uso das redes sociais no dia a dia por parte dos professores. Muitos olham as principais manchetes em apps no celular (Instagram, X, Google Notícias, Facebook), alguns fazem análises das fontes para saber a credibilidade da notícia e olham comentários dos usuários para compreender o que as pessoas estão dizendo sobre determinado assunto. Por outro lado, passam a se policiar com relação ao consumo excessivo das redes sociais, desenvolvendo um senso crítico e analítico para dar exemplo à sua rede de relações, inclusive aos alunos.

Nem todos utilizam a mídia em sala de aula, porque não têm o costume ou pela dificuldade de acesso tecnológico nas escolas. Os que fazem uso a utilizam para contextualizar assuntos atuais que têm a ver com o conteúdo programático da disciplina, bem como pedem para que os alunos pesquisem na Internet alguns temas para serem discutidos posteriormente em sala (aula invertida), uma prática implementada com frequência desde o período da pandemia. Porém, com relação aos anos iniciais, o uso da mídia nas aulas ainda é restrito, muitas vezes apenas citado pelo professor.

Os professores da área de humanas apresentam mais proatividade no consumo e uso das mídias, como, por exemplo, o professor de inglês que utiliza conteúdos de youtubers e influenciadores para incentivar o interesse pelo conteúdo com aplicação de músicas, manchetes e textos curtos para trabalhar diferentes culturas e treinar gramática e leitura. Os textos mais concisos foram citados como uma alternativa ao vídeo que, muitas vezes, fazem tanto o aluno, como o professor, perder a concentra-

ção. Também usam redes sociais para encontrar temas ou pessoas que representem algum grupo específico para trabalhar temáticas sobre os negros e os indígenas, por exemplo, sem sair da proposta do Currículo do Estado de São Paulo. Outra forma de pesquisa são os sites científicos e acadêmicos, além do incentivo ao uso de livros da biblioteca. Alguns professores citaram a necessidade de revalorização do livro, no sentido de ensinar como são formulados conteúdos confiáveis aos alunos. Foi mencionada a implementação do projeto Leitura Inicial, para despertar o interesse pela leitura e trabalhar gêneros diversos, como a notícia.

A maioria dos participantes da pesquisa se dizem aptos a diferenciar gêneros e formatos de conteúdos na mídia e, dependendo da disciplina, exercitam com os alunos a produção de texto escrito. Uma professora que trabalha com os anos iniciais diz que vai "tentando encaixar as mídias junto com as aulas. Então, eu costumo trabalhar com gêneros diferenciados, se aprofundar nas informações, não olhar somente uma manchete ou um conteúdo". Já o professor de inglês faz muita prática de escrita: "A gente costuma fazer tanto a escrita do chat, a escrita da opinião, a escrita da manchete, a escrita da notícia, quando eu estou trabalhando os verbos no passado, por exemplo".

Uma professora de história relata que tem a preocupação em levar conteúdos midiáticos atuais para ensiná-los a criar conexões com processos históricos passados para construir contextos e evitar a desinformação. Identificar fake news em sites duvidosos, enfatizar a importância da constituição da informação bem contextualizada e do entendimento de como a notícia é construída foram também questões pontuadas. "Então a gente trabalhava muito com eles quando se pensava em notícias para identificar o que uma matéria precisa ter, o que uma notícia precisa ter para que ela seja levada a sério, para que ela não seja só uma fake news que é rapidamente disseminada pelo WhatsApp".

A relação do consumo de desinformação com a violência também foi bastante citada, enfatizando a necessidade de se falar sobre mídia na escola para evitar problemáticas relacionadas ao cyberbullying, agressão, discursos de ódio e golpes pela internet. Algumas escolas desenvolvem projetos para a saúde física e mental, como projeto de vida na escola e tutoria para ajudar os alunos nas suas necessidades. Um deles abordou: "Como o excesso de internet pode levar a atos violentos, como foi no caso dos ataques que a gente teve nas escolas". Outro tenta problematizar estas questões: "algumas aulas eu tentei mostrar como notícias falsas podem realmente causar coisas horríveis, ou como uma notícia pode ser tendenciosa e fazer com que a vítima se torne culpada, coisas do tipo". Já uma professora de sociologia: "Fala bastante com os

alunos sobre fake news, sobre atos violentos impulsionados pela circulação de informações na internet, sobre consequências físicas de ações digitais”.

Também foi mencionado como o Novo Ensino Médio interferiu no consumo de informação, pelo esvaziamento das disciplinas tradicionais (história, geografia, filosofia e sociologia, dentro das ciências humanas), para serem supridas por um outro tipo de disciplina, que são os itinerários formativos. Com esta mudança, os professores não ficaram engessados em um livro didático e puderam trabalhar com assuntos ligados à atualidades e contextos bastante diversificados. A professora de história complementa:

“ Em 2023, por exemplo, eu lecionei muitas matérias, 12 ao todo, relacionadas à temática de cultura e movimento. Então as disciplinas se intitulavam corpo e práticas de expressão, corpo ao longo da história, direitos humanos, e trazer essas informações que estão disponíveis na grande mídia em geral, elas são muito potentes, porque a gente traz para o nosso estudante aquilo que é palpável dentro do meio, aquilo que está em evidência no momento, que vai ajudar na construção de conceitos, o que são direitos humanos, o que é corpo...

O trabalho na escola faz com que os professores estejam sempre conectados nas mídias para finalidade pedagógica, principalmente quando trabalham em período integral, seja em plataformas impostas pelo governo como Matific, Microsoft e Google, ou mesmo por causa das formações on-line do EFAPE (Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo) como o curso de uso seguro da internet. Outros exemplos são o curso de formação sobre a Khan Academy, uso da lousa digital Jamboard do Google e acesso ao Google Docs para trabalhar com documentos on-line e salvar documentos nas nuvens.

As redes sociais e o Whatsapp se tornaram plataformas para comunicação na comunidade escolar sobre reuniões, atividades formativas e educacionais e, até mesmo, formação de grupos e perfis das escolas nas mídias. Os professores também as utilizam para interagir com os alunos e divulgar conteúdos que agregam nos assuntos relacionados às disciplinas.

Outro ponto abordado foi a falta de estímulo da gestão da escola para trabalhar com tecnologia e mídia. Quando tentam fazer algo mais diferenciado com os alunos, como levá-los para a sala de informática, elaborar materiais com ferramentas da Microsoft ou usar Google Forms, alguns citaram a existência de uma resistência da escola, apesar de os estudantes indicarem interesse e facilidade na utilização destes recursos.

De certa forma, poucos mostram proatividade para trabalhar com tecnologias como inteligência artificial para aguçar a criatividade dos alunos e o interesse em aprender e ampliar as possibilidades do uso da mídia na vida pessoal e profissional. Porém, um exemplo interessante foi de um professor que usa ferramentas digitais para atrair os estudantes e trazer outros temas e mídias aos quais estão habituados como montar avatar e colocar a voz de uma personalidade conhecida, além de explorar os jogos eletrônicos para oferecer algo pedagógico, mas ao mesmo tempo lúdico e divertido. Um professor da área de Ciências da Natureza relata que:

“ O desafio é conseguir trazer ferramentas e conteúdos de aprendizagem lúdica, divertida, que dialoguem com o universo e interesse dos alunos, fazendo com que não fiquem absorvidos pelo celular, nos joguinhos. [...] Ele quer saber do TikTok, ele quer saber do Instagram, ele quer saber dos joguinhos, e agora tem jogos que eles jogam em conjunto, dois, três, quatro alunos com celular, participando de um jogo ali. Então, como a gente vai tirar esse aluno dessa ferramenta para trazer para dentro das ferramentas que a gente quer que ele utilize, e quando a gente apresenta essas ferramentas para ele, é um embate fortíssimo, porque geralmente eles não querem, ou eles oferecem resistência, porque aquele joguinho que ele estava jogando é melhor, é mais gostoso.

Outra questão apontada foi o excesso de uso de mídia pelos alunos como fator alarmante e até mesmo uma questão de saúde. Existe uma preocupação que os alunos usam muitas mídias sociais para coisas que não trarão benefícios no longo prazo.

Nota-se também uma discrepância na estrutura tecnológica oferecida nas escolas da rede pública de ensino. Algumas apresentam incentivo ao uso de tecnologia e mídia, têm laboratórios e espaços com equipamentos, computadores e boa conexão de internet. Outras possuem escassa ou limitada infraestrutura para a produção e consumo midiático.

---